

ESPELHO DE AUTORRETRATO: UM DISPOSITIVO AUDIOVISUAL A FAVOR DA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

Juliana Ferreira de Oliveira, Letícia Nascimento Cardozo, Samuel Pires Melo (Orientador)

Universidade Federal do Piauí – Campus Ministro Reis Veloso, julianaferreira.phb100@gmail.com

RESUMO

As escolas possuem um importante papel social: formar alunos cientes de seus direitos e deveres, críticos, reflexivos e preparados para conviver numa sociedade marcada pela diversidade. Assim como a família, a escola é um ambiente de preparação do indivíduo para a convivência na sociedade e, é na escola que o aluno terá seu primeiro contato com o diferente. Pensando nisso o projeto Inventar com a Diferença da Universidade Federal Fluminense, em parceria com o Projeto de Extensão Cinema e Educação da Universidade Federal do Piauí, traz dispositivos com a tecnologia do audiovisual como ferramenta para o processo de ensino e aprendizagem, visando à construção de cidadania e direitos humanos. Dessa forma, a partir da abordagem qualitativa, utilizamos o método da pesquisa-ação com o objetivo de entender e perceber como o dispositivo Espelho de Autorretrato contribui para uma formação voltada à cidadania e direitos humanos de alunos e alunas de escolas da Rede Pública da cidade de Parnaíba. Através dos trabalhos desenvolvidos com este dispositivo o aluno tem contato com diferentes situações e, nesse momento, o professor ganha a oportunidade de quebrar tabus e incentivar o respeito mútuo para com o outro, independente de gênero, cor, classe social, entre outros. A tecnologia está cada vez mais presente em nosso cotidiano e, na atualidade, grande parte da sociedade possui acesso a esses mecanismos, sendo assim, os educadores devem encontrar maneiras para que essas ferramentas de informação se tornem aliados na sala de aula, possibilitando mais interação e participação dos alunos.

Palavras-chave: Audiovisual, Educação, Direitos Humanos.

INTRODUÇÃO

As escolas possuem um importante papel social: formar alunos cientes de seus direitos e deveres, críticos, reflexivos e preparados para conviver numa sociedade marcada pela diversidade. Assim como a família, a escola é um ambiente de preparação do indivíduo para a convivência na sociedade e, é na escola que o aluno terá seu primeiro contato com o diferente. Portanto é preciso que “[...] a escola abandone um modelo no qual se esperam alunos homogêneos, tratando como iguais os diferentes, e incorporar uma concepção que considere a diversidade tanto no âmbito do trabalho com os conteúdos escolares quanto no das relações interpessoais.” (ARAÚJO 1998, p. 44)

Os educadores devem construir com seus alunos um ambiente inclusivo, que respeite a diversidade. Para tanto, acreditamos que é preciso aliar as práticas metodológicas de ensino às concepções de educação em direitos humanos, a fim do professor se reconhecer como formador de cidadãos e buscar mecanismos para que os alunos se tornem sujeitos ativos nesse processo.

Segundo Benevides (2007, p. 03) “Direitos humanos são aqueles considerados essenciais a todas as pessoas, sem quaisquer distinções de sexo, nacionalidade, etnia, cor da pele, faixa etária, meio socioeconômico, profissão, condição de saúde física e mental, opinião política, religião, nível de instrução e julgamento moral.”

Muitos educadores ainda se encontram perdidos, em busca da tão sonhada educação de qualidade, expõe todos os conteúdos que consideram necessários, pois “quanto mais conhecimento, melhor a educação”, mas de que tipo de conhecimento estamos falando? Para que estamos educando? Uma educação de qualidade é aquela que ensina o indivíduo a ser humanizado, ensina valores, respeita as subjetividades e o aluno aprende de forma prazerosa.

[...] é por meio da educação que o homem se humaniza e a escola como promotora na conquista da emancipação humana, realizando com qualidade, o processo de ensino para a apropriação dos conhecimentos científicos e filosóficos que sejam capazes de educar integralmente o ser humano, ou seja, educar para a cidadania a partir da “assimilação ativa dos conteúdos”. (VIGOTSKY, apud LIBÂNEO, 2008, p.3)

Trentin (2014) caracteriza que “Humanizar é tornar-se humano, adquirir novos hábitos mais apropriados sob o prisma da ética e da moral distanciando-se da ignorância, estupidez, desamor... É educar-se sendo mais benévolo, enfim, evoluir o ‘eu espírito’.” A educação é – ou pelo menos deveria ser – para o ser cidadão. Acreditamos que a escola deve estar voltada para a formação da cidadania, deve trabalhar a interação e estar preocupada com o indivíduo que ali está.

O individualismo presente em nossa sociedade faz com que os jovens se fechem para o mundo real e vivam em prol do mundo virtual, mundo este que, na maioria das vezes, atrapalha seu desenvolvimento visto que não há um acompanhamento. Nessa perspectiva, justificamos a importância do nosso trabalho que tem por objetivo incentivar a utilização da tecnologia como aliada à construção de cidadania e direitos humanos.

Defendemos a utilização do dispositivo audiovisual a fim de permitir que os alunos saiam deste mundo virtual fechado e usem a tecnologia para enxergar o mundo real, a comunidade, a escola, os colegas de classe. Dessa forma, criamos possibilidade ao educando para conhecer diferentes histórias, culturas e aprender a respeitar a diversidade que o cerca.

A temática da Pluralidade cultural diz respeito ao conhecimento e a valorização de características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, [...] que busca explicitar a diversidade étnica e cultural que compõe a sociedade brasileira, compreender suas relações, marcadas por desigualdades socioeconômicas e apontar transformações necessárias, oferecendo elementos para compreensão de que valorizar as diferenças étnicas e culturais não significa aderir aos valores do outro, mas respeitá-los como expressão da diversidade, respeito que é, em si,

devido a todo ser humano, por sua dignidade intrínseca, sem qualquer discriminação. [...] Reconhecer e valorizar a diversidade cultural é atuar sobre um dos mecanismos de discriminação e exclusão, entaves à plenitude da cidadania para todos e, portanto, para a própria nação. (BRASIL, 1998, p. 121-122)

A Educação não pode fugir de uma realidade social, ela é integrada à sociedade, ao ser humano e “não pode ser compreendida fora de um contexto histórico-social concreto e, portanto, a prática social é o ponto de partida e o ponto de chegada da ação pedagógica” (ARANHA, 2006, P. 32)

Pensando nisso o projeto Inventar com a Diferença da Universidade Federal Fluminense, em parceria com o Projeto de Extensão Cinema e Educação da Universidade Federal do Piauí, traz dispositivos com a tecnologia do audiovisual como ferramenta para o processo de ensino e aprendizagem, visando à construção de cidadania e direitos humanos.

Dessa forma, a partir da abordagem qualitativa, utilizamos o método da pesquisa-ação para podermos entender e perceber como o dispositivo Espelho de Autorretrato contribui de forma significativa para uma formação voltada à cidadania e direitos humanos de alunos e alunas de escolas da Rede Pública da cidade de Parnaíba.

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida por estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI) – Campus Ministro Reis Velloso (CMRV), a partir do Projeto de Extensão Cinema e Educação: Despontando cidadania para além dos muros da UFPI.

Utilizamos a abordagem qualitativa, através de pesquisas bibliográficas que serviram de embasamento teórico para a proposta do trabalho. Para Minayo (2001, p. 14) a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e nos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variável.

Posto isso, para podermos entender e perceber como o dispositivo Espelho de Autorretrato contribui de forma significativa para uma formação voltada à cidadania e direitos humanos de alunos e alunas de escolas da Rede Pública da cidade de Parnaíba, utilizamos a metodologia de pesquisa-ação. Esta supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico, entre outros. A sua utilização como forma metodológica possibilita aos participantes condições de investigar sua própria prática de uma forma crítica e reflexiva.

Nela pesquisadores e pesquisados estão envolvidos na busca de estratégias que visam encontrar soluções para os problemas.

Segundo Thiollent (2002, p. 75), “com a orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação estariam em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico”, o que promoveria condições para ações e transformações de situações dentro da própria escola.

Sendo assim, utilizamos para a coleta de dados a observação participante nas oficinas realizadas. Pois esta “consiste na participação real do pesquisador na comunidade ou grupo. [...] fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais destes” (LAKATOS; MARCONI, 2010, p. 177)

Para alcançar o objetivo proposto na pesquisa-ação no sentido de estabelecer uma relação entre o conhecimento e ação, entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada e destes com a realidade, Michel Thiollent (2002) diz ser necessário uma ampla e explícita interação entre os pesquisadores e envolvidos na pesquisa e que esta não se limita a uma forma de ação, mas pretende aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou nível de consciência das pessoas e grupos que participarem do processo, bem como, contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas. Por isso, participamos como colaboradoras do projeto durante a realização das oficinas, estabelecendo, assim, uma relação mais estreita com o grupo sujeito da pesquisa.

Com isso, a pesquisa contou com a participação de 50 professores do Ensino Fundamental e Ensino Médio da Rede Pública da cidade de Parnaíba, colaboradores do projeto que são acadêmicos do curso de Licenciatura em Pedagogia e alunos(as) dessas escolas públicas da cidade. O Projeto de Extensão da UFPI: Cinema e Educação, junto ao projeto Inventar com a Diferença da Universidade Federal Fluminense (UFF) realizou oficinas com dispositivos audiovisuais através de encontros quinzenais durante três meses com esses sujeitos.

Nesses encontros os professores foram à Universidade e através de fichas de atividades retiradas do Caderno Inventar com a Diferença, desenvolvido por discentes do curso de Cinema da UFF, realizavam os dispositivos na comunidade acadêmica e depois aplicavam com seus alunos com o apoio dos colaboradores do projeto. Vale ressaltar que segundo Migliorin et al. (2016,p.10) “dispositivos são exercícios, jogos, desafios com o cinema, um conjunto de regras para que o estudante possa lidar com os aspectos básicos do cinema e, ao mesmo tempo, se colocar, inventar com ele, descobrir sua escola, seu bairro, contar suas histórias”.

Dessa forma, o dispositivo Espelhos de Autorretrato propõe que o aluno faça uma narrativa sobre algo que está distante dele, mas que de certa forma pode atingi-lo, não só presencialmente, mas emocionalmente. A distância pode ser física ou simbólica, cultural ou de classes. Ao propor este dispositivo, o professor deve dividir a turma entre os que irão escrever a narrativa, os que irão filmar e os que serão filmados. Ele é desenvolvido da seguinte forma:

O que? Filmar através de espelhos. Brincar com reflexos, recortes e narrativas sobre si.

Por que? Uma comunidade é formada pelas proximidades e distâncias entre sujeitos, crenças, modos de vida. De maneira lúdica, o dispositivo se propõe a usar o espelho para refletir sobre os intervalos entre quem filma e quem é filmado.

Como? Escrever um texto com duração de até dois minutos sobre ‘a minha relação com o que há de mais distante de mim’. A distância pode ser física, simbólica, cultural ou de classe. **1.** Dividir a turma entre quem filma, quem escreve e quem lê os textos. **2.** Com o texto em uma das mãos e um espelho na outra, filmar somente o reflexo da pessoa lendo-o diante do espelho. É importante que a pessoa filmada não seja a mesma que escreveu o texto que será lido. (MIGLIORIN, et al., p. 38-29, 2016)

Os materiais produzidos nas oficinas, assim como as narrativas sistematizadas na mesma foram utilizados para a análise de dados com o fim de descobrir se o dispositivo Espelho de Autorretrato, de fato, contribui de forma significativa para uma formação voltada à cidadania e direitos humanos de alunos e alunas de escolas da Rede Pública da cidade de Parnaíba.

Resultados e discussões

Por questões culturais, normalmente, deixamos a desejar na solidariedade para com o próximo, costumamos ser individualistas e esquecemos que vivemos em sociedade, e que nela existem pessoas, diversidades de ideias, de cultura, de classes, de religião e etnias. Ao realizar a atividade proposta pelo dispositivo, professores e alunos, passam a ver o outro com mais sensibilidade e não mais com olhos de julgamentos e preconceitos.

O dispositivo Espelho de Autorretrato possibilita o exercício de se colocar no lugar do outro e pensar no coletivo, no bem em comum da sociedade. Através dos trabalhos desenvolvidos com este dispositivo o aluno tem contato com diferentes situações e, nesse momento, o professor ganha a oportunidade de quebrar tabus e incentivar o respeito mútuo para com o outro, independente de gênero, cor, classe social, entre outros.

No material produzido percebemos a interação do grupo sujeito da pesquisa com o mundo fora da escola. Alguns falaram de problemas de outros países, outros de um jogo que

atingiu jovens em diferentes lugares, tem os que falam sobre a violência no bairro e aqueles que poetizam uma música. Ao receber a proposta de criar uma narrativa de algo que está distante, o aluno consegue se enxergar em tal situação e relacionar com algo da sua vida.

Um dos vídeos analisados, por exemplo, narrava a fome na África. Ou seja, os alunos perceberam a situação política do país que se encontra na miséria e no fim do vídeo a aluna, de 9 anos, que narra a história faz uma autorreflexão de suas atitudes com a frase: *“agora eu vou comer a sopa da mamãe sem reclamar”*. Chamar a atenção para o que acontece fora da nossa sociedade, é alertar sobre os aspectos e histórias de um outro povo, é ter a sensibilidade de ver o outro e refletir sobre a sua realidade enfrentada, será que eu estou dando o devido valor ao que tenho ou *“estou reclamando de barriga cheia”*?

Esta autorreflexão é fundamental para a formação humanizada, se pôr no lugar do outro faz com que o indivíduo reveja seus conceitos e faça uma autoanálise de suas atitudes ou até mesmo encontre semelhanças em histórias como esta. Os professores, por sua vez, conseguiram fazer esta autorreflexão aliando a perspectiva dos direitos humanos à sua prática pedagógica.

“A gente anda numa correria tão grande que não prestamos muita atenção nas coisas ao nosso redor. Lá na escola, nós temos um aluno que é considerado um problema na sala de aula, mas normalmente a gente não tenta compreender o que pode estar por trás disso. Quando vocês passaram esse dispositivo aqui e a gente levou para fazer na escola, esse aluno foi quem escreveu a narrativa do grupo dele. No vídeo ele diz que queria ver o pai como presente de aniversário, aí nós fomos atrás de saber o que aconteceu com esse pai e descobrimos que ele morreu na frente do menino, dos irmão e da mãe. Então, assim, a gente convive com a pessoa todos os dias, mas não a conhece. Eu fiquei me perguntando se eu sou realmente um bom educador.” (FALA DO PROFESSOR 01)

Dessa forma, é perceptível que o uso do dispositivo “Espelho de Autorretrato” também possibilita uma reflexão acerca da prática pedagógica do professor. De nada adianta transmitir inúmeros conteúdos, buscando altos resultados se não houver o principal, que é a empatia, saber enxergar o outro é essencial para se viver em sociedade.

A utilização dessa tecnologia dentro da sala de aula nos permite enxergar esse processo de construção para o olhar da solidariedade e respeito, o dispositivo aguça nossa sensibilização. Dessa forma, recomendamos que professores da Educação Básica aliem este dispositivo dentro de suas respectivas disciplinas mesclando os conteúdos curriculares com a educação em direitos humanos e cidadania.

“O Espelho de Autorretrato é interessante porque os alunos podem usar a imaginação para produzir uma narrativa ou, também, se espelhar em um noticiário, em uma página da internet ou até numa conversa que com

alguém. É interessante porque podemos criar diferentes maneiras de fazer os alunos enxergarem o outro, ter esse contato com a comunidade em que vivem, se sensibilizar com diferentes histórias. Fazendo esse dispositivo a gente pode deixá-los darem asas à imaginação. Eu gostei muito de trabalhar esse dispositivo, lá na turma surgiram histórias incríveis, as crianças entenderam bem a proposta do trabalho e gostaram. A gente ver que eles gostam desse negócio de sair da sala, usar o celular, falar com as pessoas. Foi muito interessante.” (FALA DA PROFESSORA 02)

Os resultados obtidos com a pesquisa foram bastante satisfatórios, percebemos que os alunos gostam de quebrar a rotina, demonstram interesse e iniciativa para realizar a atividade e interação entre eles. Alguns vídeos foram feitos baseados na pesquisa do grupo, outros com base no sentimento de um aluno em específico e em todos podemos perceber a satisfação e alegria ao realizar o dispositivo.

A educação tem um dos papéis de transformação da realidade, faz com que a escola seja um lugar onde podemos exercer a cidadania. A educação deve ser para todos e para todas, por isso devemos aprender a respeitar a diversidade e particularidade de cada um.

Conclusão

A tecnologia está cada vez mais presente em nosso cotidiano e, na atualidade, grande parte da sociedade possui acesso a esses mecanismos, sendo assim, os educadores devem encontrar maneiras para que essas ferramentas de informação se tornem aliados na sala de aula, possibilitando mais interação e participação dos alunos.

Sabemos que no atual contexto social, a competitividade está cada vez mais presente no ambiente escolar, fazendo com que professores e alunos se atenham a valorizar as notas e a enorme quantidade de conteúdos, sendo assim, muitos profissionais da área da educação acabam esquecendo que precisamos formar cidadãos para a vida em sociedade. O dispositivo Espelho de Autorretrato possibilita que os professores e alunos enxerguem o mundo fora da sala de aula, busquem histórias que estão acontecendo em outros lugares do mundo, ou no próprio bairro. A história narrada pode ser uma dissertação sobre a crise política do país, ou um poema sobre amizade.

Este dispositivo trabalha a educação em direitos humanos na medida em que o aluno passa a pensar no outro, lendo a narrativa que fala da vida de uma outra pessoa ou se sensibilizando ao escrever sobre algo que não acontece com ele, mas que o atinge emocionalmente ao se pôr no lugar do outro ou por lembrar de alguém que não está mais presente.

Podemos perceber que a educação feita para os direitos humanos e cidadania, nos leva a pensar o aluno como um ser dotado de conhecimento, emoções e histórias, contribuindo

para uma formação que os leve a uma autorreflexão do modo de se ver e ver o outro no mundo. Cultivando assim, uma sociedade mais tolerante e que saiba reconhecer o outro como uma pessoa dotado de sentimentos, histórias e cultura.

Referências bibliográficas

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 2006.

ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. O déficit cognitivo e a realidade brasileira. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). **Diferenças e preconceito na escola**: alternativas teóricas e práticas. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1998. p. 44.

BENEVIDES, Maria Victoria. **Educação em Direitos Humanos**: de que se trata?. PROGRAMA ÉTICA E CIDADANIA construindo valores na escola e na sociedade. São Paulo: portal MEC, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/9_benevides.pdf> Acessado em: 20 de agosto de 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: apresentação dos Temas Transversais. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Maria de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 7ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**: Coleção magistério, série formação do professor. São Paulo: Cortez, 2008.

MIGLIORIN, Cezar et al. **Cadernos do Inventar**: cinema, educação e direitos humanos. Niterói: EDG, 2016

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2002.

TRENTIN, Leontina Rita Aocrinte. **Humanização**: o futuro da humanidade. Brasil Escola. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.com/religiao/humanizacao-futuro-humanidade.htm>> Acessado em: 05 de setembro de 2018.